

MUSEUS ESCOLARES NO ESTADO DE SÃO PAULO (1879-1942)

Camila Marchi*

Resumo

Esta comunicação é resultado da pesquisa de mestrado sobre os museus escolares no estado de São Paulo, entre 1879 e 1942. Essa periodização foi delimitada pela legislação sendo a primeira menção em 1879, na Reforma Leôncio de Carvalho quando museus escolares são demarcados como itens imprescindíveis para o ensino científico. O recorte final é delimitado em 1942, quando se percebe a organização de museus regidos pelo Código de Educação do Estado de São Paulo (1933), que demarcou novas especificidades para a apresentação e o uso de museus escolares. Os museus escolares estão ligados ao desenvolvimento do método intuitivo e da propagação das “lições de coisas”. O termo museu escolar é “polissêmico” pois podem ser organizados de diferentes formas: museus para guarda de objetos em armários, coleção de quadros parietais, gabinetes e espaços em salas de aula. O objetivo é compreender como eram organizados esses museus escolares no estado de São Paulo, observando suas diversidades. Pergunta-se: Como eram apresentados e quais práticas escolares suscitavam? A pesquisa foi feita a partir de documentação escrita, iconográfica e artefatos de ensino, consultados nos arquivos: Arquivo Público do Estado de São Paulo, Centro de Referência Mário Covas (Acervo do Colégio Caetano de Campos), Museu Paulista, Colégios Maristas Glória e Arquidiocesano, Biblioteca do Livro Didático da Universidade de São Paulo. Nesses locais foram listados: Anuários de Ensino; Pedidos de Material; Programas de Ensino; Correspondências; Imagens; Catálogos de empresas fornecedoras de produtos escolares; Catálogos de empresas de produtos científicos; Livros didáticos de ensino de Ciências; Periódico de Ensino Revista Escolar. Conclui-se que o museu escolar era um vetor para práticas didáticas, com significações particulares dadas por aluno e professor dentro da escola e que a sua composição variava, também, por conta das possibilidades de investimento e o entendimento das prescrições, o que lhe rendeu diversas tipologias.

Palavras-chave: museu escolar; Prática de ensino; cultura material escolar.

Abstract

This master's degree research and thesis aims to study school museums in the state of Sao Paulo between 1879 and 1942. The historic period of this research has been

* Professora de História na Secretaria Municipal da Cidade de São Paulo. Mestre em Educação pelo Programa Educação: História, Política, Sociedade na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC SP. Email: ca.marchi09@gmail.com.

determined by legislation regarding school museums. It was first mentioned in law in 1879, after a reform entitled Leôncio de Carvalho, when school museums were acknowledged as an indispensable tool of scientific education. The final cut is delimited in 1942 when one realizes the organization of museums governed by the São Paulo State Education Code (1933), which demarcated new specifics to the presentation and use of school museums. School museums are connected to the development of intuitive method and the concept of “the lessons of things”. The term school museum is polissemic, mainly because school museums fulfill various purposes: keeping objects in closets, presenting parietal collections, as well as day-to-day use as classrooms. This research aims to understand how these school museums were organized, particularly in the State of São Paulo, through observation of their diverse presentation and disposition. The most important question raised in this thesis is: how were they organized and which school practices they brought to their learning environments? The hypothesis is that the school museum goes beyond a simple deposit of objects, being an vehicle of didactic practices with particular meanings addressed both by students and teacher, which earned school museums a diverse typology. This research was conducted through written documentation, iconographic documentation and teaching artifacts and objects, which were consulted at the following archives: Public Archive of the State Of São Paulo, Reference Centre of the State of São Paulo, Reference Centre Mario Covas (School Caetano de Campos Archives), the Paulista Museum, Maristas Glória School, Arquidiocesano School, and the Didactic Book Library of Universidade de São Paulo. On these places, research consulted Teaching Yearbooks, Educational Material Requests; Teaching Programs; Correspondence; Photographs; catalogues from companies that provided school material; catalogues from companies that provided scientific material; educational books on science and magazines from the educational sector. It was concluded that the school museum was a vector for teaching practices with particular meanings given for student and teacher within the school and that its composition varied also because of investment possibilities and understanding of the requirements, which earned him several typologies.

Keywords: school museum; practice of teaching; school material culture.

Introdução

O presente texto é um resumo dos resultados finais apresentados na dissertação de mestrado em educação intitulada: “Museus Escolares no Estado de São Paulo 1879-1942” defendida em dezembro de 2015 pelo programa de Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP. Tal dissertação, assim como as discussões finais para a realização desse texto, integram os trabalhos do programa de pesquisa “A História da escola por seus objetos: Estudos etnohistóricos da escola brasileira século XIX e XX” coordenado pela Prof^a Dr^a Katya Braghini desenvolvido no PEPG em Educação: História, Política, Sociedade (EHPS-PUC-SP)

O termo “museu escolar” é referido atualmente para definir um espaço de preservação de patrimônio escolar. Isto significa, que o conceito/significado de museu está ligado a um espaço de conservação de objetos de determinados espaço e tempo. No caso de um “museu escolar”, seria um acervo de objetos ou vestígios ligados à história da educação.

Portanto, a ideia de museu, atualmente, está ligada estritamente à conservação de patrimônio.

No entanto, pesquisadores da cultura material escolar, identificaram significados diferentes para o termo “museu escolar”, este seria um instrumento de ensino comum no século XIX, com objetivo diferente do que se conhece e aplica hoje em dia.

A pesquisa de Madi Filho (2013), por exemplo, apresenta como função principal do museu escolar a guarda de objetos recolhidos pelas crianças durante suas pesquisas de campo. Segundo o mesmo pesquisador, a presença do museu escolar era imprescindível, especialmente para o ensino de zoologia e lições de coisas. Para a pesquisadora Bocchi (2013), o museu escolar era um espaço da escola onde os objetos eram mais do que guardados, mas principalmente observados, consultados e comparados.

Já para Petry, os museus escolares não possuem uma definição única, por isso, são caracterizados por tal pesquisadora como um termo polissêmico. Dessa forma, Petry, identifica:

- 1) Museu escolar: alojado dentro das instituições educativas, deveria servir a professor e alunos para a realização de estudos pautados no concreto, isto é, agregar um conjunto de objetos para tornar a aprendizagem intuitiva.
- 2) Museu Escolar Brasileiro: museu escolar brasileiro corresponde a uma coleção de quadros parietais produzidos na França, traduzidos, adaptados e trazidos para o Brasil.
- 3) Móvel: móvel em madeira com portas parcialmente envidraçadas que guarda as coleções de objetos para as lições de coisas.
- 4) Museu dentro da sala de aula: vincula-se especialmente aos móveis acima descritos, pois, em geral, este museu seria composto de armário, estante ou outro móvel que servisse para armazenar objetos.
- 5) Gabinete: o museu não só dava nome às coleções de quadros, objetos diversos e móveis, como poderia ocupar um espaço físico nas escolas, um pequeno gabinete onde seriam guardadas as coleções. (PETRY, 2013, p.32-38).

Portanto, museu escolar, de acordo com as definições acima, era em sua maioria, um conjunto de objetos didáticos que deveria servir a prática das chamadas Lições de Coisas, ou Método intuitivo. Esse conjunto de objetos poderia ser encontrado em um local específico da escola como gabinetes, ou estarem alocados em armários do tipo vitrine, em salas de aula, afim de que os objetos pudessem ser de melhor forma visualizados.

Partindo dessas informações, optou-se para o estudo do “museu escolar do tipo armário” como foco de pesquisa, afim de compreender inicialmente que tipo de objetos

compunham estes museus escolares, a que tipo de ensino eles serviam, qual a origem destes objetos e se eram ou não utilizados nas práticas escolares.

Para tanto, foi necessária a utilização de diferentes tipos de documentações, escrita, iconográfica e tridimensional. Na busca destes diferentes materiais foi necessária também a visita a diversos tipos de acervos, com especialidades diversas, são eles: Arquivo do Estado de São Paulo, para a consulta de Anuários de Ensino e Revista Escolar do Estado de São Paulo; Acervo da Escola Caetano de Campos, CRE Mario Covas/CENP/SEE, para a consulta de Catálogos de Vendas de Materiais e Móveis Escolares, Relatórios Anuais e fotografias de museus escolares; Museus Escolares – Patrimônio: Colégios Marista Arquidiocesano e Colégio Marista Glória, para a consulta também de Catálogos de Vendas de Materiais Escolares, e dos próprios objetos de ensino os quais fazem parte do acervo do grupo; Acervo do Museu Paulista – Universidade de São Paulo, para a análise de correspondências e periódicos da instituição; Legislação, para a consulta de mudanças na área da educação no período; Biblioteca do Livro Didático da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP), para a consulta de livros didáticos do ensino de Ciências.

Portanto, o presente artigo tem como objetivo apresentar como resumo dos resultados finais, o comércio e a circulação de objetos os quais compunham os museus escolares, as orientações e organizações de museus escolares no estado de São Paulo e, por fim, os diferentes tipos de museus escolares encontrados em diversos estabelecimentos de ensino paulista, bem como tais tipologias influenciaram no uso e as diferentes práticas em torno do museu escolar.

Renovação Pedagógica – Método Intuitivo ou Lições de Coisas

A renovação da prática pedagógica se dava por conta da defesa do chamado método intuitivo ou lições de coisas. De acordo com Valdemarin (2004), o método intuitivo fora concebido por seus propositores europeus e americanos como um instrumento capaz de reverter a ineficiência escolar já que se formava alunos com domínios insuficientes de leitura e escrita e com noções de cálculo insatisfatórios.

A autora identifica em sua pesquisa que o método intuitivo se distingue dos demais pela prioridade dada, à observação, que significa de forma mais aprofundada que a educação na infância deve priorizar atividades mais concretas, similares às da vida adulta, aliando observação e trabalho numa mesma atividade. Dessa forma, de acordo com a pesquisadora, o método intuitivo criaria situações de aprendizagem em que o

conhecimento não seria memorizado, mas sim, partiria do entendimento da criança a partir de dados inerentes ao objeto.

A pesquisadora conclui ainda que a entrada de objetos didáticos, vistos a partir de então como imprescindíveis, está diretamente ligada à ascensão da indústria que se ocupa com o mercado didático (Valdemarin, 2004). Dessa forma, os objetos são introduzidos na escola como um símbolo material de um novo método de ensino e de organização de conhecimento.

Vidal (1999) aponta que a montagem dos museus escolares e a própria escolha dos objetos são frutos de uma perspectiva dada pelo próprio ensino intuitivo:

A ampla gama de objetos possíveis de figurar nos museus escolares apontava para a sua relação com as diversas disciplinas, aproximando-as da própria perspectiva do ensino intuitivo de visibilidade às lições de coisas. Nesse sentido, acolhia tanto objetos tridimensionais quanto gravuras. A preocupação com ênfase no entorno, com o conhecimento do local onde se inseria a escola e o museu, e com o concurso de pais, professores e alunos na sua construção endereçava-se a destacar aspectos do ensino ativo, bem como do próprio caráter colecionador do museu. No entanto a rigidez e o detalhamento da classificação empregada acenava para o interesse na constituição de uma coleção estável, ainda que passível de ampliação (Vidal, 1999, p. 114)

Vidal (1999) conclui que os objetos eram sempre dispostos de maneira a ficarem visíveis, expostos, pois este era um dos preceitos do ensino intuitivo, que apesar do interesse em desenvolver também o tato, o olfato, a audição e o paladar, o método intuitivo parecia privilegiar, sobretudo, a visão, o que configurava, segundo a pesquisadora, a tal “pedagogia do olhar”.

Segundo Souza (2007), o método intuitivo teve importância fundamental na consolidação da necessidade de utilização e ampliação dos materiais didáticos na transição do século XIX para o XX, movimento educacional que acaba consolidando uma pedagogia dos sentidos. Isso significa, de acordo com a pesquisadora que o mundo dos artefatos materiais invadiu o sistema público de ensino.

Percebe-se, portanto, que a disseminação de objetos pedagógicos, especialmente ligados ao ensino de ciências, deu-se em decorrência da expansão do chamado método intuitivo, os quais, por sua vez, também foram divulgados e disseminados pelas chamadas Exposições Comerciais: Universais, Nacionais, Pedagógicas etc.

Exposições Universais e o Comércio Pedagógico

As Exposições Universais foram representantes das grandes transformações capitalistas ocorridas no século XIX e apresentavam produtos de vários tipos: móveis, maquinários,

ferramentas, objetos de decoração, invenções diversas, materiais escolares etc. Um grande mercado desenvolveu-se neste período, inclusive no campo da educação, impulsionado pelo crescimento industrial. De acordo com Barbuy (1999), as Exposições universais surgiram em Londres, e foram concebidas inicialmente como exposições industriais.

Para Kuhlmann Jr. (1996), as Exposições foram um palco para as representações de espetáculos os quais tinham como protagonistas o progresso, a técnica e a ciência, além de expressarem as tendências e os conflitos existentes na sociedade de seu tempo.

Segundo o autor, duas metáforas são usadas a fim de caracterizar as Exposições Universais, a primeira delas é “templo” indicando uma devoção à mercadoria, à ciência, à tecnologia e à modernidade. A segunda é “vitrine” ligada a exposição de mercadorias ao público no interior de móveis envidraçados.

Era preciso despertar a atenção do cliente, por isso, as exposições ficaram conhecidas pela grande difusão de imagens que pode ser entendido como um projeto expositivo que tinha uma função pedagógica.

Na exposição, classificada como “de objetos”, buscava-se demarcar o avanço da industrialização por meio de tipologias de produtos. O próprio fato de expor um produto para a venda requeria um cuidado com a sua apresentação, ou seja, a disposição o lugar de cada objeto na vitrine era intencionalmente pensado.

Esse era o caráter educativo de grandes exposições que traçavam caminhos e espaços visuais a partir de tipologias de objetos de modo que o consumidor ou visitante tivesse noção das diversas possibilidades do universo fabricado. As Exposições buscavam atrair o olhar do público a partir mesmo de um chamado visual para prateleiras e estantes.

Barbuy (1999) reproduz com riqueza de detalhes o espetáculo visual formado pelas Exposições:

Adentrando a Galeria de Honra, dita também “30 metros”, à direita e à esquerda apresentam-se as seções de produtos industriais, organizadas por grupos previstos em regulamento (ourivesaria, cerâmica, mobiliário etc.) e prolongando-se pelo Palácio de Artes Liberais. A cada seção, o acúmulo de objetos – a quantidade – impressiona a retina pela visão global. Na sociedade industrial, a quantidade e a fungibilidade são valores em si. São elas as exibidas, mais os produtos como unidades. Suportes e vitrines são totalmente preenchidos por séries de produtos similares, fazendo do conjunto o grande objeto de exposição. Cada seção tem seu portal de entrada, por si só também indicador do caráter de conjunto, de totalidade. (BARBUY, 1999, p. 62).

Conforme aponta a pesquisadora, “o conjunto é o grande objeto de exposição”, vitrines eram totalmente preenchidas com esses objetos, e essa quantidade e a diversidade

estava ligada ao caráter moderno e progressista de uma sociedade dita moderna. A apresentação visual das Exposições tinha como objetivo seduzir a sociedade ávida pelo consumo.

De acordo com a mesma pesquisadora, a Exposição Universal de 1889, em Paris, marcou o caráter de exposição-instrução, principalmente, no que diz respeito à difusão de recursos didáticos.

Inicialmente voltado para produtos industriais, no final do século XIX, o setor da educação já tinha sedimentado seu espaço nas Exposições Universais. Os modelos de ensino, assim como os materiais didáticos apresentados nestes eventos circularam não somente pela Europa, levados por diversas empresas especializadas na área, mas foram espalhados pelo mundo por meio do trabalho comercial de tais indústrias.

As exposições universais impulsionaram o desenvolvimento de vários mercados, dentre eles o mercado pedagógico. As empresas especializadas na venda de materiais didáticos comercializavam objetos voltados, desde o ensino maternal, até o ensino superior, abarcando todas as disciplinas, inclusive àquelas voltadas ao ensino de Ciências.

A localização de catálogos e de objetos de empresas internacionais especializadas em materiais didáticos em algumas escolas de São Paulo aponta para circulação de objetos fora das fronteiras europeias e norte-americanas, locais onde ocorriam as Exposições Universais e aponta também para os movimentos de compra e venda de tais objetos por meio de deslocamentos do comércio internacional.¹

De todos os catálogos de vendas localizados, dois terão destaque neste texto por apresentarem informações relevantes ao entendimento da circulação mundial de objetos didáticos e mobílias escolares, serão os catálogos da empresa alemã Max Kohl e da empresa francesa Deyrolle. Tal escolha foi baseada também após observar a presença de objetos didáticos nas mesmas escolas onde foram localizados os catálogos oriundo de tais empresas comerciais².

¹ Os catálogos foram localizados nos colégios Caetano de Campos, Marista Arquidiocesano de São Paulo, e Marista Nossa Senhora da Glória, das empresas: E. Leybold's Nachfolger A-G koln – Berlin; Appareils de Physique G. Jarre; Max Kohl AKTIENGESELLSCHAFT Chemnitz (Allemagne); Les Fils D'Emille Deyrolle. Sabe-se que existem outras empresas de materiais científicos que circulavam nos museus das escolas públicas e privadas do estado de São Paulo. No entanto, é inegável a presença da empresa Deyrolle em diversas escolas pesquisadas, seja por essa análise, seja por outras investigações preocupadas com o histórico dos objetos científicos no campo da História da Educação.

² A presença de tais artefatos já foi objeto de análise de pesquisadores. Madi Filho (2013), buscou explicação sobre a utilização de animais taxidermizados como instrumentos de ensino no Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo. E Bocchi (2013, p. 15), que estudou o museu escolar, os laboratórios e gabinetes também do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo.

A empresa alemã Max Kohl, era especializada na venda de objetos científicos variados voltados aos ensinos de Física e Química, e na venda de mobílias escolares específicas para a prática de tais ensinos.

Durante a análise dos catálogos desta empresa, foi possível identificar que a mesma tinha clientes em diversas partes do mundo, tal fato era comprovado pela divulgação das cartas enviadas pelos clientes à empresa para na maioria das vezes fazer elogios aos materiais adquiridos. O Quadro 1, a seguir, apresenta um panorama dos clientes da empresa que escrevem de diferentes cidades e países do mundo:

Quadro 1 - Correspondências de Clientes Max Kohl.

Local	Ano
São Paulo	1922
Iugoslávia	1924
Aparecida do Norte	
Irlanda	
Holanda	
Xangai	
Romênia	
Prússia Oriental	
Bruxelas	
Itália	
Canadá	1925
Japão	
Estônia	
Prússia Oriental	
Sérvia	
Suíça	
Espanha	
Sérvia	
República Tcheca	
Bulgária	
Noruega	
Bruxelas	
EUA	
República Tcheca	1926
Itália	
Rússia	
Aparecida do Norte	
Uruguai	
Bulgária	
EUA	
Grécia	
Chile	
Austrália	
Indonésia	
Portugal	
Romênia	

EUA	1927
Grécia	
Ucrânia	
Hamburgo	
Espanha	

Fonte: Catálogo Aparelhos de Física Max Kohl nº150 e nº 100 tomo III.

Nota-se que a empresa recebia cartas de compradores de todos os continentes os quais elogiavam os objetos pedagógicos. Cabe ressaltar também que algumas cartas chegavam de diferentes regiões no mesmo ano, ou seja, existia uma procura mundial simultânea por tais materiais didáticos. Tais cartas trazem informações sobre como esses objetos eram embalados e se chegavam intactos ao destino, além disso, eram explícitas as menções de congratulações e contentamento pela aquisição dos objetos.

A empresa vendia peças avulsas, peças em conjunto, agrupamentos didáticos organizados em forma de *kit*, móveis para a guarda de objetos de vários tamanhos e formas e laboratórios e gabinetes completos.

Conforme apontado no quadro, o Brasil, especificamente colégios nas cidades de São Paulo e Aparecida do Norte, também foram clientes da empresa alemã Max Kohl, tendo enviado correspondências à empresa nos anos de 1922, 1924 e 1926. Em todas as cartas o mesmo professor Paulo Forster faz elogios à empresa, tanto com relação a qualidade do produto, tanto com relação as perfeitas condições de envio dos objetos.

Informa ainda, que um dos colégios onde atuou e adquiriu tais objetos era alvo de frequentes visitas de outros colegas professores, afim de ter contato com os materiais comercializados pela empresa.

Na carta de 26 de agosto, o professor faz um breve elogio a aquisição da bomba pneumática:

Eu apenas tentei o óleo da bomba pneumática No. 52.904 que recebi recentemente . Ele funciona muito bem e com uma rapidez surpreendente . É uma grande vantagem para o curso de física , porque o tempo é precioso. Todas as experiências são bem sucedidas. Apresentação estética de todos os dispositivos Kohl merece um elogio especial . Bomba chegou em perfeitas condições. (Fonte: Catálogo Aparelhos de Física nº 150)

Embora a empresa Max Kohl, obviamente só publique as correspondências elogiosas de seus clientes aos seus produtos, tais documentos podem revelar outras informações. A principal é a busca simultânea mundial pelos seus produtos, incluindo o Brasil, o que comprova o fato de que o comércio pedagógico de objetos é uma tendência mundial, não algo que aconteça primeiro nas “capitais” europeias para anos mais tarde alcançar as “periferias”. Existe um consumo mundial, não só dos saberes ou do método intuitivo, mas

dos objetos, que circulam pelo mundo por meio da comercialização feita por tais empresas de venda de matérias didáticos.

Com relação a empresa francesa Deyrolle³, os seus catálogos eram explicativos, contendo diversas figuras de objetos, e separados por área, ou seja, catálogos desenvolvidos para a venda de todo o tipo de material.

A quarta capa de cada catálogo trazia informações sobre a embalagem e transporte dos objetos, formas de pagamento, e endereço do destinatário. Sobre a embalagem e transporte a empresa orientava que os seus custos não estavam inclusos no valor informado em cada objeto ao longo da revista, isso significa que o comprador deveria incluir além daquele, os custos de embalagem e transporte.

Com relação às formas de pagamento, exceto os clientes que já possuíam uma conta com a empresa, esta informa os demais compradores que quisessem adquirir os produtos abaixo de 220 francos, que estes seriam vendidos somente em dinheiro; para tanto, o cliente poderia enviar um cheque ou ordem de pagamento à Paris, sede da empresa.

Para o envio dos objetos, a empresa orientava que o comprador estrangeiro deveria ser preciso em suas informações a respeito da estação de trem mais próxima, a fim de, dessa maneira, evitar atrasos.

Por fim, a empresa advertia que os clientes tivessem total atenção para os códigos dos produtos, a fim de não ocorrerem divergências entre eles ou de valores. A empresa é taxativa ao informar que não se responsabilizava por tais erros, sendo esse requisito de total responsabilidade dos clientes. A empresa fazia isso, porque a quantidade de produtos era imensa e todos eles eram registrados por um código localizador. Caso houvesse a menor divergência de números, o comprador poderia receber o material errado. Além disso, esse detalhe demonstra que esse tipo de comércio era muito

³ Criada em 1831 pelo taxidermista Jean-Baptiste Deyrolle, inicialmente, era especializada na venda de coleções de história natural, particularmente de insetos. Em 1866, é Emile Deyrolle quem fica responsável pela empresa fundada pelo seu avô. Deyrolle dá continuidade ao trabalho do avô em taxidermia e especialização em objetos ligados ao estudo de História Natural, impulsionado pelo aumento de empresas e profissionais do ramo em toda Europa. Em 1871, Deyrolle dá um novo impulso à empresa, transformando-a essencialmente numa empresa fornecedora de materiais didáticos. Diversificando o ramo, a empresa a partir de então além de objetos ligados à história natural, passou a desenvolver também quadros parietais e modelos anatômicos de variados tipos (partes do corpo humano, espécies vegetais, animais etc.), para o ensino das disciplinas de lições de coisas no ensino primário, e História Natural e suas subdivisões: botânica, zoologia, mineralogia. Também revendia objetos científicos para o ensino de Física e Química. Sabe-se que a empresa não produzia objetos científicos de Física de caráter operativo, demonstrativo, sendo fornecedora de produtos. Sendo casa científica era especializada em taxidermia e coleções entomológicas, bem como, distribuição dos clássicos “museus escolares” impressos Deyrolle. Com o tempo, passou a ser distribuidora de todo tipo de objetos escolares: móveis, utensílios de uso geral, material didático para os saberes escolarizados de diversas disciplinas, não apenas as ditas ciências naturais. A empresa Deyrolle existe atualmente e ainda é especializada na venda de materiais didáticos. Maiores informações podem ser encontradas no site da empresa www.deyrolle.com

consolidado, já que se tinha garantias de que, ao acessar qualquer um daqueles números, poder-se-ia receber qualquer um daqueles produtos. A empresa fornecia uma ampla diversidade de objetos, conforme veremos adiante.

Essas informações iniciais já trazem indícios não somente da logística estabelecida, como também da relação internacional da empresa, neste caso francesa, com outras partes do mundo.

Foram localizados no total 16 catálogos da empresa francesa Deyrolle⁴. Tais catálogos eram em sua maioria temáticos, ou seja, ofereciam produtos de áreas específicas, dessa foram analisados catálogos de vendas dos seguintes produtos:

- Física Instrumentos de Precisão Material de Laboratório e Gabinetes de Física e Química – outubro de 1910;
- Materiais de laboratório: mesas para laboratório; mobílias para a bibliotecas; quadros negros; projeção; balanças; aparelhos de aquecimento; material de química; gabinetes de química; micrografia; microscópio; laboratório de micrografia; bacteriologia; laboratório de microbiologia; fisiologia; laboratório de fisiologia; história natural; *kits* completos; meteorologia; fotografia; telegrafia e eletricidade – 1914;
- Mineralogia, Geologia, Paleontologia e Pré-história – março de 1929;
- História Natural – Peças de Anatomia humana, comparada, botânica, animais vertebrados e invertebrados – sem data.

A empresa vendia desde objetos avulsos, ligados as áreas apresentadas, como também coleções, denominadas pela empresa de gabinetes completos para as disciplinas científicas, com peças pré-indicadas pela fabricante, como sendo um grupo representativo dos conteúdos específicos. No entanto, a escola ou o professor que já tivesse adquirido um destes gabinetes, e pretendesse aumentar sua coleção, tinha a opção de comprar complementos para cada um dos gabinetes. Na prática, cada gabinete era uma coleção de objetos, e os complementos eram conjuntos menores de objetos, feitos para completar os gabinetes oferecidos pela empresa, como se fosse uma atualização do gabinete adquirido pelo professor anteriormente.

O catálogo especializado na venda de peças anatômicas de História Natural, por exemplo, oferecia desde objetos individuais até a compra da coleção completa, sendo

⁴ Sobre a localização de tais fontes e outras informações sobre os objetos vendidos por tais empresas consultar o capítulo um de minha pesquisa de mestrado.

que esta era composta por objetos representando os órgãos da audição, visão, olfato e voz, respiração, sistema digestivo, dente, intestino, pele e dedo indicador. Todas as peças acompanhavam legendas explicativas.

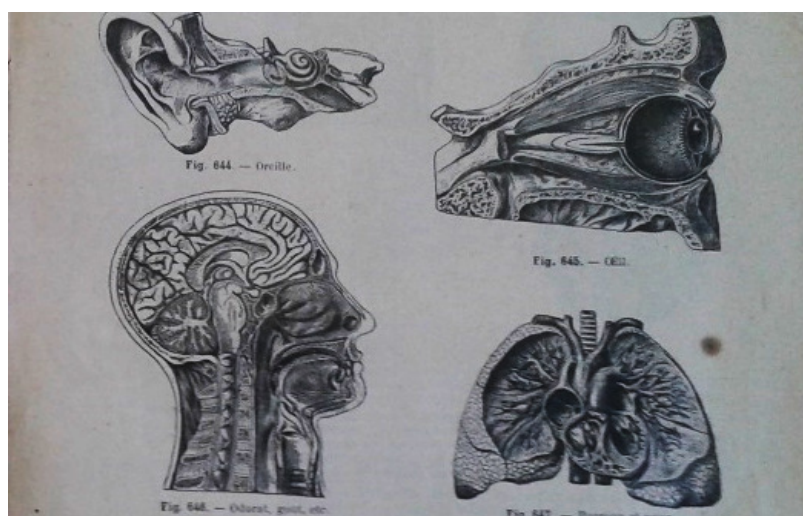


Figura 1 - Peças de anatomia humana. s.d.. Fonte: Catálogo D'Émile Deyrolle. Acervo da Escola Caetano de Campos, CRE Mario Covas/ CENP/SEE.

A peça 644 representa o órgão da audição, especificamente o ouvido externo, com 40cm de comprimento e 25cm de altura. O objeto 645 representa o órgão da visão, com medidas de 28cm de comprimento e 21cm de altura. Já a peça 646, por sua vez, representa o olfato e a voz; o objeto tem, de acordo com o catálogo, 25cm de comprimento e 30cm de altura. Por fim, a peça 647 é referente ao sistema de respiração e circulação, com dimensões de 30cm de comprimento e 37cm de altura.

Algumas destas peças podem ser vistas *in loco* no acervo do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, local este onde muitos dos catálogos também foram localizados. Uma delas é a peça 647 referente ao sistema de respiração e circulação (Figura 2).

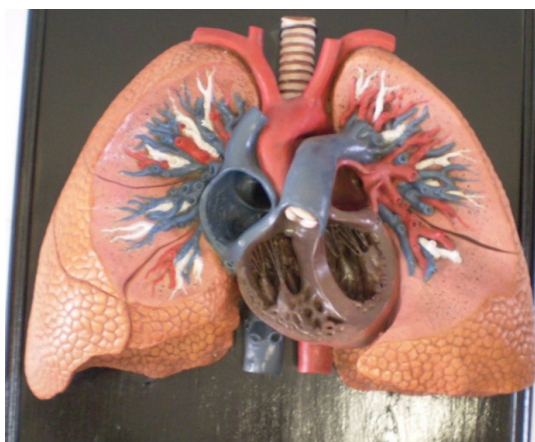


Figura 2 - Peça Deyrolle – Anatomia Humana - Respiração e Circulação. Fonte: Coleção de História Natural do Museu Escolar - Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo.

Nota-se que o objeto é colorido, porém apresenta diferentes tonalidades enfatizando alguns locais do aparelho. Nota-se ainda que a peça segue as medidas informadas pela empresa, porém vale ressaltar que são as mesmas medidas da peça, descontando a base a qual está fixa, conforme percebe-se pela imagem. Apresenta ainda diferentes texturas, buscando se aproximar da constituição real de um aparelho respiratório humano, com rugosidades. Dessa forma, a peça representa um modelo de coração aberto, destacando as artérias principais e ventrículos por todo o pulmão.

Outra possível análise é a de que o fato de estar fixa na base, algo não demonstrado no catálogo, permite compreender que o objeto era utilizado mais para a exposição do que manipulação, outro fator para tal hipótese é a de que a peça não contém marcas de uso, justamente por estar fixada numa base de madeira e por seu peso ser relativamente alto.

Porém, a empresa não comercializava somente peças fixas em bases de madeira, para exposição, confeccionava também peças desmontáveis conforme a figura a seguir, uma representação de uma aranha.

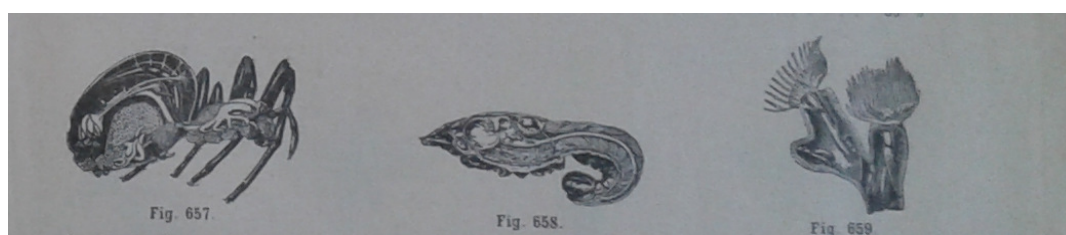


Figura 3 - Peças de Anatomia Comparada. s.d.. Fonte: Catálogo D'Émile Deyrolle. Acervo da Escola Caetano de Campos, CRE Mario Covas/ CENP/SEE



Figura 4 - Peça Deyrolle – Anatomia Comparada - Aranha. Fonte: Coleção de História Natural do Museu Escolar. Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo.

Diferente da anterior a configuração desta peça permite que seja vista por todos os ângulos. Presa numa base giratória, a peça faz um giro de 360º em si mesma, vale ressaltar que outros objetos vendidos pela empresa apresentam a mesma característica.

Mas além disso, o grande diferencial deste objeto didático é que ele pode ser desmontado conforme mostra a imagem. Tal fato permite compreender que não se tratava somente de um objeto para a observação, de exposição, mas sim um objeto de manipulação, seja ele pelo professor, seja ele pelos próprios alunos. Nesse caso em específico, a peça não apresenta marcas de uso já que passou recentemente por um processo de restauração.

Além de objetos didáticos, a empresa também comercializava mobílias escolares, uma das categorias comercializadas pela empresa era a de armários do tipo vitrine para a guarda de tais objetos didáticos.

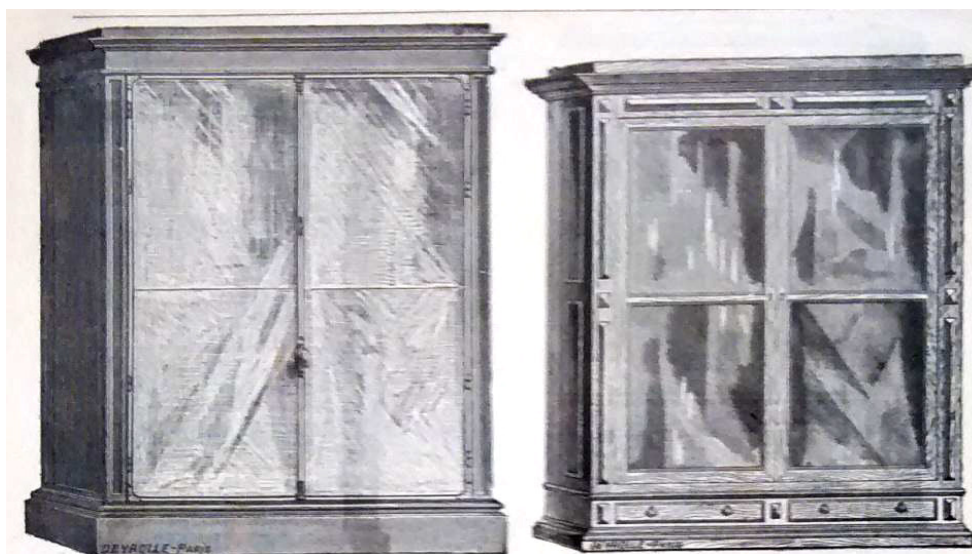


Figura 5 - Armário Vitrine com Porta de Ferro e com Porta de Madeira, 1914. Fonte: Catálogo D'Émile Deyrolle – Material de Laboratório. Acervo da Escola Caetano de Campos, CRE Mario Covas/ CENP/SEE.

A empresa dá destaque aos armários cuja estrutura é de ferro, pois dessa maneira permitem melhor visualização dos materiais. Eram vendidos dois tamanhos diferentes deste armário, especificamente, um com 3,00 de altura, 2,00 de largura e 0,60 de profundidade, e outro com 3,50 de altura, 2,30 de largura e 0,60 de profundidade.

Já o armário vitrine com porta de madeira era comercializado em três medidas: o primeiro com 2,50 de altura, 2,00 de largura e 0,50 de profundidade; o segundo com 3,00 de altura, 2,25 de largura e 0,55 de profundidade; e o terceiro com 3,00 de altura, 2,50 de largura e 0,60 de profundidade.

O armário vitrine com gavetas, único cuja imagem não é exibida pelo catálogo, também apresenta três medidas: o primeiro com 2,50 de altura, 2,00 de largura e 0,60 de profundidade; o segundo com 3,00 de altura, 2,25 de largura e 0,60 de profundidade; e o terceiro com 3,50 de altura, 2,50 de largura e também 0,60 de profundidade. De acordo

com a empresa, os Armários Vitrines eram destinados especialmente para a formação de gabinetes de Física e História Natural.

Tais empresas foram responsáveis pela divulgação de materiais, por meio dos próprios catálogos, mas também e principalmente pela criação de um aparato, uma logística comercial de expansão e exportação mundial. O que significa que um mesmo objeto poderá ser encontrado em diversas escolas e acervos.

Os Museus Escolares no Estado de São Paulo

A presença de museus escolares nos estabelecimentos de ensino paulista foi na verdade, resultado da política de instituição do método intuitivo ou lições de coisas na província de São Paulo. De acordo com Schelbauer (s.d.), a instituição do método intuitivo em São Paulo, ainda no final do período imperial, fez parte dos debates em torno da escolarização das classes populares.

Relacionado aos modelos europeus e estadunidense, o método intuitivo foi sendo aplicado nos jardins de infância, nas escolas primárias e nos cursos de formação de professores. (SCHELBAUER, s.d.).

Ainda de acordo com Schelbauer (s.d.), a iniciativa pela aplicação de tal método em São Paulo, partiu da vontade de intelectuais sob o pretexto de necessidade de inovação da instrução pública. Segundo a pesquisadora, entre tais defensores estavam “João Kopke, Rangel Pestana, Silva Jardim, Américo de Campos, Américo Brasiliense, Elias Fausto Jordão, Júlio Ribeiro, os irmãos Prudente de Moraes e Leôncio de Carvalho” (SCHELBAUER, s.d.).

Os estudos de Hilsdorf (1987), apontam Rangel Pestana como uma das vozes mais ativas na defesa ao método intuitivo em São Paulo. Utilizando como meio de comunicação para vinculação de suas ideias o jornal *A Província de S. Paulo*, Rangel Pestana fazia um discurso contra a monarquia e o ensino religioso, sendo um grande defensor de uma inovação do ensino paulista. Ainda de acordo com a pesquisadora, Rangel Pestana defendia uma escola diretiva e dogmática como instrumento de inovação e reprodução de uma nova ordem.

A questão do Ipiranga – Museu Paulista como difusor de materiais didáticos

Como um dos principais protagonistas da discussão sobre a inovação do ensino paulista, Rangel Pestana participou também do processo conhecido como “a questão do Ipiranga” esta defesa representa bem a posição do intelectual sobre o uso do museu para um

projeto público de disseminação do ensino pela lição de coisas. Percebe-se que museus eram instituições importantes que foram vinculados à instrução pública desde a época do Império. Mesmo em São Paulo, vê-se a continuidade desses debates no histórico de constituição do Museu do Ipiranga.

A construção de um palácio no Ipiranga para celebrar a Independência do país foi um projeto iniciado ainda no Império em 1885, mas que somente se concretizou na República em 1890, tendo sido apropriado pelos republicanos (Alves, 2001). Este projeto que fora defendido por Pestana foi rejeitado, o que não significava que a ala republicana havia sido vencida. Após muitas discussões e emendas de projetos, em 1885, foi finalmente decidido, o terreno do Ipiranga seria utilizado para a construção de um instituto científico.

De acordo com Alves (2001), o processo de constituição de Museu Paulista foi bastante conturbado e dividiu opiniões. Ainda durante o período imperial os monarquistas defendiam a construção de um monumento voltado exclusivamente para a memória da independência nacional, já os republicanos, liderados por figuras influentes como o próprio Rangel Pestana, defendiam a criação de um monumento destinado à instrução e ao desenvolvimento das Ciências. O que ocorreu foi a criação de um instituto científico que contemplava os dois lados, a construção de um palácio em comemoração à independência, mas ocupado por atividades e objetos de instrução e ciências.

Como instituto científico, o Museu Paulista foi criado sobretudo para a difusão da Ciência no estado de São Paulo e como órgão educador do público em geral, muito mais do que um monumento imperial voltado para a Independência. Os republicanos se apropriaram do projeto inicial e usaram o Museu Paulista como símbolo do projeto da modernidade tão almejada. Nesse sentido, o Museu Paulista ficou conhecido inicialmente como um Museu de História Natural.

Dessa forma, durante os anos iniciais de seu funcionamento, o Museu Paulista na prática, funcionou como um de Museu de História Natural voltado para estudos científicos especialmente no estado de São Paulo, que entre suas atividades fornecia peças para a formação de museus escolares de história natural com o objetivo de vulgarização das ciências (Alves, 2001). Ainda de acordo com Alves (2001)⁵, Loefgren, o primeiro diretor da instituição, foi o principal responsável pela disseminação das ciências no estado.

⁵ Loefgren foi um dos responsáveis pela organização e formação do chamado “Museu Sertório”. A coleção de peças de História Natural do Coronel Sertório despertou a ambição e preocupação dos naturalistas, entre eles Loefgren. Com a liberação para a construção de um instituto científico nos terrenos do Ipiranga, Loefgren e os demais naturalistas começaram a repercutir na imprensa a necessidade da criação de um Museu de História Natural para São Paulo. Após intensos debates e pressão do senhor Loefgren e da imprensa a coleção Sertório juntou-se com a conhecida coleção Pessanha e foi transferida para as dependências do

Na primeira publicação da Revista do Museu de 1895, o então diretor Loefgren ressalta a importância do recebimento de coleções para a composição do museu com a intenção de instruir a população sobre a natureza da América do Sul e do Brasil e reclama da falta de universidades de história e ciências naturais, apontando este o fato para o atraso dos estudos científicos na área (Revista do Museu Paulista Volume I, 1895, p. 20, 21).

Loefgren atribui essa falta de estabelecimentos de ensino na área científica como um empecilho para a prática dos professores brasileiros, comparando estes com as melhores condições de trabalho dos professores de outros países, da Europa principalmente, segundo o diretor, “lá sim, os professores estão melhor equipados, já que o ensino e a pesquisa científica está mais desenvolvida” (Primeiro Relatório do Museu do Estado de 1891).

A documentação do acervo do Museu Paulista, demonstra que houve uma relação entre o estabelecimento e as escolas públicas do estado. Diversos documentos comprovam o envio de museus escolares completos, ou mesmo peças para a sua formação. Na maioria das vezes esse envio de materiais era intermediado pelo Secretário do Interior, que a pedido das escolas, entrava em contato com o museu solicitando o envio⁶. De acordo com a documentação consultada, cerca de sete estabelecimentos de ensino paulista receberam museus completos de história natural, ou peças, também de história natural para a formação de museus escolares, todos a pedido do Secretário do Interior. Ainda de acordo com a documentação, estes museus e peças poderiam ser enviados diretamente aos estabelecimentos de ensino, ou por vezes, eram enviados ao Almoxarifado da Secretaria do Interior os quais repassavam os materiais as escolas destinatárias. (Fontes: Pasta 70 – Arquivo permanente do Museu Paulista, fundo Museu Paulista, data 1896)

A documentação também demonstra que o envio de materiais poderia ser maior se houvesse mais investimento por parte do estado, conforme o próprio diretor do Museu Paulista Loefgren adverte em correspondência enviada ao secretário do interior, onde recusou o pedido de materiais devido à falta de funcionários.⁷

No entanto, mesmo após a mudança de direção do Museu Paulista, tendo assumido o cargo Afonso Taunay, o envio de museus escolares e de peças para a sua composição continuou conforme informações periódicas da Revista do Museu Paulista.

Ipiranga, onde formaram o Museu do Estado. Para mais informações sobre o assunto ver O Ipiranga Apropriado – Ciência, Política e Poder – O Museu Paulista 1893-1922 de Ana Maria de Alencar Alves.

⁶ Os quadros com a lista de escolas as quais receberam os museus escolares enviados pelo Museu Paulista a pedido do Secretário do Interior, estão disponíveis na minha dissertação de mestrado.

⁷ Pasta 70 – arquivo permanente do museu paulista, fundo museu paulista, data 1896

Já sobre o ano de 1919, o então diretor do Museu Paulista informa a Secretária do Interior que neste ano o número de envios para as escolas públicas do estado foi bastante reduzido já que as reservas haviam sido esgotadas após o envio de vastos materiais às escolas normais e grupos escolares e que em breve poderá atender aos pedidos.⁸

A secretária do interior intermediou o processo de envio de materiais para as escolas do estado como centro distribuidor das peças entre a instituição científica e as escolas públicas. Apesar de todo o esforço do próprio museu, que foi criado como um estabelecimento científico de apoio à instrução e vulgarização da ciência, nota-se que o interesse maior no envio desses materiais às escolas, era da parte do próprio governo.

As Prescrições Legais sobre os Museus Escolares – Código de Educação do Estado de São Paulo

Sobre a adoção de tal instrumento de ensino, a primeira menção do termo museus escolares na legislação é de 1879 na Reforma Leôncio de Carvalho, quando os museus escolares são classificados como itens indispensáveis para o ensino científico. No período entre 1879 e 1933 não foram localizadas legislações onde apontavam especificamente o uso de museus escolares. Houve, no entanto, uma movimentação de intelectuais da educação, como Rui Barbosa, deputado Franklin Américo de Meneses Dória, Rangel Pestana, João Kopke, Silva Jardim, Américo de Campos, Américo Brasiliense, Elias Fausto Jordão, Júlio Ribeiro, e os irmãos Prudente de Moraes, que defendiam a aplicação do método intuitivo e por consequência do uso de museus escolares. (SCHELBAUER, s.d., p.5-6).⁹ Já no caso de São Paulo, especificamente o Código de Educação do Estado de São Paulo de 1933 estabelecia uma parte a respeito dos museus escolares e do ensino prático.

Na parte 1 sobre a educação em geral, título 4 sobre os serviços administrativos, o capítulo 10 é destinado exclusivamente para a orientação dos serviços de bibliotecas e museus escolares. O artigo 106 define que estes serviços têm por finalidade a garantia do ensino intuitivo e prático nas escolas. Para a concretização desta finalidade, o artigo 107 orienta que todos os estabelecimentos de ensino, desde o pré-primário até o ensino superior, devam contar com uma biblioteca e um museu escolar.

O artigo 114 orienta que as bibliotecas e museus escolares deverão fornecer informações específicas anualmente à chefia destes serviços. Especificamente os museus escolares

⁸ Revista do Museu Paulista Volume XI– São Paulo sobre 1919 – Publicada 1920

⁹ A Constituição do Método Intuitivo na Província de São Paulo 1870 a 1889 – Anaete Schelbauer UEM.

deveriam informar sobre a relação e quantidade de material que neles figuravam; exposição dos recursos que contam para a sua conservação e manutenção; relação sobre a influência social por eles exercida.

O artigo 115 define que os museus escolares deverão compreender coleções de objetos e de produtos industriais, comerciais e agrícolas colhidos e renovados pelos próprios alunos em excursões escolares.

Já o artigo 116 afirma que deverão existir três tipos de museus, o inciso 1º dispõe sobre o “museu de classe”, que este “deve revelar, de maneira prática, o trabalho de cooperação dos alunos, em classe, guiados pelo professor, no tratar de diversos assuntos que constituem as aulas”.

O inciso 2º deste mesmo artigo dispõe sobre o “museu da escola”, que este “deve constituir além de exemplares de matérias primas e produtos manufaturados da região, o repositório dos trabalhos mais interessantes e originais das diversas classes do estabelecimento, a fim de que possa servir a toda comunidade escolar e social”.

Por fim, o inciso 3º trata do último tipo de museu orientado pelo artigo, “o museu central” aparelho coordenador e irradiador de todo o material de aplicação e utilidade pedagógica, visará particularmente pôr ao alcance do professor todos os elementos de trabalho e informações, que possam ser úteis à prática e à renovação das técnicas do ensino”.

O artigo 117 trata da organização destes museus e define que sua organização poderá recorrer aos seguintes meios: fornecimento de material pelo Almoxarifado do Departamento de Educação; auxílio das municipalidades; dádivas particulares; contribuição dos pais dos alunos; doação de casas comerciais e produtos de festivais.

O artigo 118 define que o museu da classe será organizado e dirigido pelo respectivo professor, auxiliado pelos alunos. Já o museu da escola, será organizado por uma comissão de professores, designada pelo respectivo diretor e por este dirigida, conforme orienta o artigo 119. Por fim, o museu central será organizado e dirigido pelo chefe do Serviço de Bibliotecas e Museus Escolares do Departamento de Educação, conforme orientação do artigo 120.

Anuários do Ensino do Estado de São Paulo

Uma das informações relatadas pelos Anuários do Ensino do Estado de São Paulo era justamente a presença de objetos de ensino que garantissem a prática do método intuitivo ou lições de coisas.

A primeira edição trata-se de uma longa descrição das escolas do estado, desde a disposição dos edifícios escolares, quadro de funcionários, relatórios de matrículas, até a descrição da mobília escolar. Ao final da descrição de cada escola, era informado pelo documento se tal estabelecimento estava ou não preparado de acordo com a legislação vigente estabelecida pelo estado.

Um dos critérios para que a escola fosse bem cotada por tais documentos, ou seja, para que estivesse de acordo com as prescrições legislativas de ensino era a presença, entre outros, de um instrumento didático específico, os museus escolares.

Os quadros abaixo apresentam as escolas as quais continham museus escolares, iniciando pelo Quadro 2.

Quadro 2 - Diferentes tipos de museus nos estabelecimentos de ensino.

Escolas Complementares do Interior		
Escola	Museu	Tipo de Museu
Itapetininga	X	Museu com espécimes da fauna e flora
Grupos Escolares da Capital		
Escolas	Museu	Tipo de Museu
Escola Modelo do Carmo	X	Museu com objetos de física, química e história natural
Grupo Escolar Prudente de Moraes	X	Não específica
Grupos Escolares do Interior		
Escolas	Museu	Tipo de Museu
Itatiba – Grupo Escolar Coronel Júlio César	X	Não específica
Jahú – Grupo Escolar Dr. Pádua Sales	X	Cartões do Museu Escolar Deyrolle
Estabelecimentos Equiparados – Capital		
Escolas	Museu	Tipos de Museu
Ginásio Macedo Soares	X	Não específica
Ginásio Diocesano	X	Bem montado
Estabelecimentos Equiparados – Interior		
Escolas	Museu	Tipos de Museu
Itu/SP – Colégio São Luiz	X	Não específica
Escolas Normais Capital/Interior		
Escolas	Museu	Tipos de Museu
Capital - Escola Modelo Caetano de Campos	X	Não específica.
Itapetininga – Escola Modelo Peixoto Gomide	X	Não específica.

Fonte: Anuário de Ensino do Estado de São Paulo, 1907-1908.

Os Anuários do Ensino do Estado de São Paulo, preocupavam-se não somente em informar a presença de museus escolares, como também, do tipo de museu que cada escola possuía. A análise do quadro permite compreender a diversidade do tipo de museus escolares presentes nos diferentes estabelecimentos de ensino, podendo ser encontrados museus escolares compostos por objetos ligados a fauna e flora, ou museus com objetos de química, física e história natural.

O quadro feito com base no Anuário de 1907-1908, indica também a presença de museus escolares tanto em níveis de ensino diferentes, de escolas primárias há secundárias, quanto de localidades, de escolas da capital quanto do interior.

Algumas escolas eram classificadas por tais documentos, com os seguintes termos: “modernas”; “contém os materiais essenciais ao ensino prático”; “suas coleções obedecem às prescrições”. Tais termos, são entendidos como indicativos da presença de museus escolares conforme aponta o Quadro 3.

Quadro 3 - Índícios da Presença de Museus Escolares.

Grupos Escolares da Capital		
Escolas	Índícios	Classificação
Grupo Escolar do Arouche	X	Apresenta todos os requisitos para um bom funcionamento
Primeiro Grupo Escolar do Brás	X	É dotado de todo material necessário para aplicação dos programas de ensino
Grupos Escolares do Interior		
Escolas	Índícios	Classificação
Bananal – Grupo Escolar Coronel Nogueira Cobra	X	Sua dotação embora modesta é completa e obedece as prescrições
Ribeirão Preto – Grupo Escolar Dr. José Guimarães Jr	X	Possui espaços e aparelhos que seguem a exigência do ensino moderno
São José do Rio Pardo – Grupo Escolar Dr. Cândido Rodrigues	X	A dotação de material é nova e completa
Estabelecimentos Equiparados – Interior		
Escolas	Índícios	Classificação
Jacareí – Ginásio Nogueira da Gama	X	Dotado de gabinetes, laboratórios e materiais para o ensino prático
Lorena – Colégio de São Joaquim	X	Dotado de gabinetes, laboratório e materiais para o ensino prático

Fonte: Anuário do Ensino do Estado de São Paulo, 1907-1908.

O quadro 3 apresenta, em parte, que a condição das escolas é adequada e que segue as determinações legais. Mas não aponta com clareza se isso se diz respeito aos museus escolares. É apenas uma possibilidade. Em todo o caso, é possível que, diante de certa precariedade, o inspetor nem tenha levado em consideração a sua ausência. O outro bloco de escolas, no mesmo quadro, aponta mais claramente a existência de materiais importantes ao ensino dito “prático”, atrelados aos materiais voltados ao ensino das ciências, principalmente nos registros ligados aos estabelecimentos equiparados, ainda que, nestes casos, os mesmos estejam apontando a presença de gabinetes científicos e não “museus escolares”.

Os tipos de museus nem sempre eram especificados, porém nota-se que os museus estavam ligados ao ensino de Ciências e não era sempre que o inspetor determinava com clareza como eles eram apresentados. Mas, tendo a escola uma coleção, era digno de nota citá-la. Não passava despercebida a presença de materiais para o ensino das Ciências como um importante diferencial da escola.

Diferentes tipologias de museus escolares nos estabelecimentos de ensino paulista

O caráter polissêmico do museu escolar fez com que a principal característica de tal instrumento fosse justamente sua diversidade. Tal informação pode ser comprovada quando são analisados documentos fotográficos de diferentes estabelecimentos de ensino. Por isso, foram selecionadas nesta comunicação imagens de quatro tipos de composição diferentes de museu escolar (Figura 6).



Figura 6 - Museu de História Natural Escola Normal 1895. Fonte: Acervo da Escola Caetano de Campos, CRE Mario Covas/ CENP/SEE Álbum da Escola Normal.

Pela observação da imagem nota-se rapidamente que tal museu escolar é um espaço delimitado no estabelecimento de ensino, possibilitando que o professor pudesse retirar tais objetos para serem melhores analisados em sala de aula, ou até mesmo, que levasse os alunos a tal espaço para que os objetos fossem observados dentro do próprio museu.

Os objetos estão alocados em armários do tipo de vitrine, ou seja, com o objetivo de serem vistos, sem precisar retirá-los de dentro do armário. Nota-se a grande presença de animais taxidermizados, especificamente aves, e nas prateleiras mais baixas, peças mineralógicas.

Em outra imagem do mesmo espaço, mas vista de um ângulo diferente, percebe-se a presença de objetos anatômicos, sendo grande parte representando órgãos do corpo humano. É possível listar os seguintes objetos: um peixe batóide (raia); um gavião; uma peça anatômica de mão humana; uma peça anatômica de ouvido humano; cinco esqueletos montados de animais não identificados; uma peça anatômica de um olho humano; uma peça anatômica representando o olfato humano; quatro peças anatômicas representando partes do cérebro humano; duas peças anatômicas não identificadas e um animal taxidermizado também não identificado. Na parte lateral direita do armário, existem mais peças anatômicas, assim como animais em esqueleto montado e taxidermizados, porém não é possível distinguir cada um deles.

Do lado de fora do armário estão expostas duas peças, um esqueleto humano montado e um corpo humano anatômico para o estudo de anatomia humana interna e externa. A presença destes dois objetos do lado de fora dos armários permite concluir que tal foto fora produzida com o objetivo exclusivamente de apresentar o acervo da escola.

A próxima imagem apresenta uma outra configuração de museu escolar, desta vez, dentro de um Gabinete de Física, localizado no Colégio Diocesano (Figura 7), estabelecimento de ensino secundário instalada dentro do Seminário Episcopal de São Paulo.

O Colégio Diocesano é na verdade o primeiro nome do atual Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo. No período da foto, o colégio era administrado diretamente pela Diocese de São Paulo, no entanto, já estava sob o processo de repasse para a administração dos Irmãos Maristas. Todos os objetos sob a mesa ainda fazem parte do patrimônio científico do colégio.

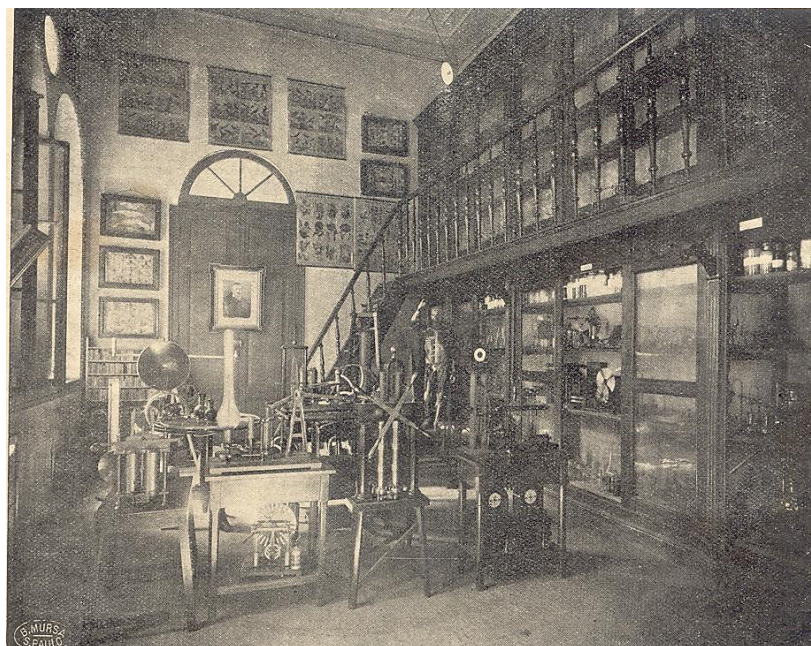


Figura 7 - Colégio Diocesano, Gabinete de Física e Museu. 1906. Fonte: Publicação Commemorativa do 1º Quinquagenario da Fundação do Seminário Episcopal de S. Paulo – Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo.

Conforme mencionado anteriormente, a imagem apresenta uma configuração diferente de museu escolar, dentro de um Gabinete de Física. Tal Gabinete foi organizado pelo Frei Germano D'Annecy, professor de Astronomia, Physica, Química e História Natural do até então Colégio Diocesano.

De acordo com documentação, este gabinete era na verdade um espaço de estudo do professor, um espaço de trabalho escolar. Nesse sentido não era usado para ministrar aulas somente, mas sim, como um ambiente de estudo e reflexão de um conhecedor das Ciências. (BRAGHINI, PEDRO, PIÑAS, 2014). Nesse sentido, tal espaço servia tanto para os estudos de seu professor responsável, quanto para a exposição e prática escolar, conforme a disposição dos objetos apresentada pela imagem.

Numa observação mais atenta é possível perceber que o gabinete é composto por dois andares. No andar superior, estão presentes armários vitrines, os museus escolares; já na parte térrea do gabinete é possível observar a presença de mais museus escolares. Em parte de tais museus estão alocadas vidrarias, outra parte faz guarda de instrumentos de Física. Nota-se também a presença de quadros parietais e coleções de borboletas. Já na Figura 8, a seguir, observa-se a presença de um museu escolar dentro de uma sala de aula:



Figura 8 - Escola Nilo Peçanha 1911. Fonte: Acervo do Museu Paulista – Universidade de São Paulo.

A presença de um museu escolar dentro de sala de aula muda a função de tal instrumento didático. Isso porque está inserido no espaço de circulação não somente de professores, mas principalmente de alunas, no caso de tal imagem. Na imagem nota-se a presença de um “pequeno” armário de madeira, envidraçado, contendo pequenas vidrarias na parte superior e outros objetos não identificados nas prateleiras inferiores.

A sala de aula, composta somente por meninas, pertence ao ensino primário, observa-se ainda a presença de grande número de quadros parietais sobre animais e anatomia humana. É notório o preparo da cena para a fotografia, no entanto, os elementos contidos em tal imagem confirmam não somente o uso de museus escolares, conforme mencionados pelos Anuários do Ensino do Estado de São Paulo, mas principalmente, prática de um ensino baseado no aspecto concreto.

A próxima imagem (Figura 9) é de um museu escolar do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo:



Figura 9 - Colégio Arquidiocesano, Museu de História Natural de 1940. Fonte: Processo de equiparação do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo.

Diferente das composições anteriores, nota-se que este museu escolar não está numa sala reservada para o estudo ou mesmo para a visita ou consulta de professores e estudantes, mas sim, aparenta estar num ambiente de circulação da escola. Nota-se que novamente a imagem foi produzida isso porque as portas do armário estão todas abertas, demonstrando que o objetivo era exclusivamente de apresentação do rico acervo de objetos dos estabelecimentos.

Os objetos estão nitidamente dispostos de maneira organizada: na parte de cima, estão os pássaros: os maiores nas primeiras prateleiras, os menores nas subsequentes, de onde é possível observar alguns pequenos quadros parietais; nos nichos inferiores, na parte esquerda da imagem, constam prateleiras com minerais e alguns objetos geométricos; os nichos centrais guardam peças anatômicas de botânica e mais alguns pequenos quadros parietais, e os nichos à direita da imagem, além de mais alguns quadros parietais, alojam também pequenos pedaços, coleções de madeiras. Há modelos de Botânica, voltados ao estudo da germinação do feijão. Modelos de embriões. E outros objetos não claramente identificáveis.

Considerações Finais

A instituição dos museus escolares, e as suas diferentes configurações, devem ser compreendidas dentro de uma movimentação pedagógica e comercial mundial.

Os museus escolares estavam ligados à aplicação do método intuitivo e lições de coisas, sendo que a ascensão de tal método esteve ligada a um discurso mundial de modernidade de ensino.

Em defesa desse tipo de ensino, denominado inovador, nota-se uma disseminação de empresas fabricantes e fornecedoras de materiais pedagógicos. Tais empresas exibiam e vendiam seus produtos e assim ficaram mundialmente conhecidas nas chamadas Exposições Universais.

O Brasil, acompanhou esse movimento pedagógico e comercial, orientando legalmente a adoção do método intuitivo e dos museus escolares como aplicadores de tal método. No caso de São Paulo, o Código de Educação do Estado de São Paulo, tratou de oficializar não somente o uso do método intuitivo como o uso de museus escolares das escolas primárias até o ensino secundário.

Além das organizações legais, houve neste estado um chamamento de intelectuais para a organização de um órgão científico o qual deveria promover o ensino científico entre os estabelecimentos de ensino, o atualmente conhecido Museu Paulista, fora concebido

inicialmente como um Museu de História Natural que tinha entre seu cotidiano o envio de peças e museus escolares a estabelecimentos de ensino sobre a supervisão da Secretária do Interior.

Tudo isso, no caso do estado de São Paulo, contribuiu para que o museu escolar fosse um vetor para práticas didáticas com significações particulares dadas por aluno e professor dentro da escola. Prescrições e possibilidades de investimento também colaboraram no sentido de explicar suas variações, o que lhe rendeu diversas tipologias.

Referências

ALVES, Ana Maria de Alencar. *O Ipiranga apropriado: ciência, política e poder: o Museu Paulista, 1893-1922*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

BARBUY, Heloisa. *A exposição Universal de 1889 em Paris: visão e representação na sociedade industrial*. São Paulo: Loyola, 1999.

BRAGHINI, Katya Mitsuko Zuquim. PIÑAS, Raquel Quirino. PEDRO, Ricardo Tomasielo. Museu Escolar do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo: Constituição, Histórico e Primeiros Movimentos de Salvaguarda da Coleção. *Revista Esboços*, Florianópolis, v.21, n.31, p.28-49.

BOCCHI, Luna Abrano. A configuração de novos locais e práticas pedagógicas na escola: O museu escolar, os laboratórios e gabinetes de ensino do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo (1909-1940). *Dissertação* (Mestrado), Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Orientador: Prof. Dr. Kazumi Munakata.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. *Francisco Rangel Pestana: o educador esquecido*. Prêmio grandes educadores brasileiros: monografia premiada 1987/ Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1988.

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. As grandes festas didáticas: A educação brasileira e as exposições internacionais 1862-1922. *Tese* (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em História Social, Departamento de História, FFLCH, Universidade de São Paulo, 1996.

MADI FILHO, José Maurício Ismael. Animais taxidermizados como materiais de ensino em fins do século XIX e início do XX. *Dissertação* (Mestrado) Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Orientador Prof. Dr. Kazumi Munakata.

PETRY, Marília Gabriela. Museu Escolar: o que dizem os inventários (Santa Catarina/1941-1942). In: GASPAR da SILVA; Vera Lucia; PETRY, Marília Gabriela (Orgs.). *Objetos da Escola: Espaços e lugares de constituição de uma cultura material escolar* (Santa Catarina - séculos XIX e XX). Florianópolis: Insular, 2012. p.79-101.

SHELBAUER, Analete Regina. *A Constituição do Método Intuitivo na Província de São Paulo 1870-89*. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo4/144.pdf>>. Acessado em: 22 out. 2015.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da cultura material escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Marcus Levy (Org.). *Culturas escolares, saberes e práticas educativas*. Itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007. p.163-187.

VALDEMARIN, Vera Teresa. *Estudando as lições de coisas*: análise dos fundamentos filosóficos do método de ensino intuitivo. Campinas: Autores Associados, 2004.

VIDAL, Diana Gonçalves. Por uma pedagogia do olhar: os museus escolares no fim do século XIX. In: VIDAL, Diana Gonçalves; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de (Orgs.). *A memória e a sombra*: a escola brasileira entre o império e a República. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p.107-116.

Legislação

- Código de Educação do Estado de São Paulo de 1933